



Preços dos alimentos em alta III

A inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPCA) dobrou em agosto. Na mídia, se for procurado quem é o "vilão do momento", a resposta é rápida: os alimentos. Em agosto, em relação à julho, as principais variações de preços no IPCA, foram: tomate (+ 17,75%), leite pasteurizado (+ 6,44%), cenoura (+ 6,31%), leite e derivados (+5,77%), feijão carioca (+ 5,11%) e carnes (+ 2,98%).

Ufa! Diriam os produtores de alimentos de origem animal: "Estão vendo? Também, os produtos de origem vegetal estão pesando no orçamento familiar". É, possivelmente, com maior peso, dentro em pouco, se forem adicionados a pressão da elevação do preço do trigo e derivados pesando no cardápio do brasileiro, principalmente no pão francês, no macarrão e na tradicional pizza. O que estaria ocorrendo com o trigo e derivados?

A quebra na produção de trigo na Argentina e Canadá (grandes produtores), preços pouco compensadores reduzindo a área plantada e a produção e conseqüente baixa nos estoques de passagem do Brasil, o aumento de consumo doméstico e em outros países emergentes, como a China, e, ainda, o crescimento na demanda do trigo para a produção de álcool na Europa, principal matéria-prima do etanol, entre outros fatores, elevaram os pre-

ços internacionais do trigo que já cresceram 60% neste ano, sinal evidente da escassez do produto no mundo. Reflexo deste choque na oferta do trigo, o produto alcançou no dia 10/09, o seu maior preço histórico na Bolsa de Chicago (US\$ 0,861/bushel para dezembro) e, no interior do Paraná, os tricultores estavam recebendo R\$ 575,00/tonelada, cerca de 60% acima que os R\$ 360,00 obtidos na safra anterior. Para atender a demanda nacional, até agosto, as importações de trigo atingiram US\$ 1 bilhão, 64,4% a mais que em igual período de 2006; mesmo assim, neste ano, os preços domésticos do trigo já sofreram um aumento de 39%.

No caso brasileiro, a situação é séria, pois o Brasil tem grande dependência do trigo importado, e principalmente da Argentina, que diante do "apagão energético" reduziu suas exportações (nas importações brasileiras, 90% do trigo é proveniente da Argentina) obrigando o país a busca de outros mercados fornecedores com custos de transportes e tarifários maiores. Internamente, segundo a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento, levantamento de setembro 2007), em termos de estoque de passagem (o que sobra de um ano para outro), gradativamente, veio caindo a disponibilidade interna, passando de 1,113 milhão de toneladas (safra 2004/05) para

626,3 mil (safra 2006/07) chegando a 221,6 nos dias de hoje, o mais baixo desta década. Para o mundo, igualmente ao Brasil, a previsão do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) é de redução dos estoques internacionais de passagem, caindo de 11,38 milhões de toneladas para 10,99 milhões na safra vigente. Está faltando trigo no mundo. Quem paga mais?

Outros produtos alimentícios estão passando por aumentos; porém, a configuração atual do "choque de oferta" provocado pelo leite, carnes, trigo e seus derivados vêm levando a uma corrosão no poder de compra dos trabalhadores. Só em agosto, a cesta básica na capital paulista subiu 3,24% em relação a julho e 13,81% de janeiro a agosto.

Em tempo: não se pode culpar o agricultor brasileiro pela conjuntura de fatores negativos internacionais que estão elevando os preços dos alimentos e muito menos como "vilão da inflação". Ele responde a estímulos de preços, pois tem que cobrir os custos de produção e torcer para que os "azares da natureza" não atinjam a sua propriedade e aumentem seu endividamento. Voltaremos ao assunto num próximo artigo.

*Evaristo Marzabal Neves,
prof. titular, Esalq/USP.
E-mail: emneves@esalq.usp.br*